

# DA AAD-69 AO SINALÁRIO: LEITURAS DA/SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO

Maraisa Lopes\*  
UFPI

**Resumo:** *Este artigo tem por objetivo apresentar o processo de produção de um instrumento linguístico, que permite a abertura da possibilidade de leituras da/sobre a análise de discurso de base materialista, pela comunidade surda brasileira. Promove-se, inicialmente, um breve repasso histórico acerca da Análise de Discurso (AD), recuperando a produção teórica de Michel Pêcheux. Em um segundo momento, apresentamos nossa escuta analítica e o modo pelo qual tem se dado a produção do Sinalário de AD. Versamos sobre a proposição de três sinais (Ideologia, Posição-sujeito e Michel Pêcheux) para demonstrarmos nosso movimento de análise e posterior formulação dos sinais. Com base em nossa produção, esperamos que que os sujeitos surdos saiam dos processos de reprodução mnemônica e passem a uma reprodução histórica, em que, como sujeitos, se relacionem simbolicamente com os sentidos produzidos sobre a AD.*

**Abstract:** *This article aims to present the production process of a linguistic instrument, which allows the opening of a possibility of reading about the materialistic discourse analysis, by the Brazilian deaf community. It promotes a brief history of Discourse Analysis (DA), recovering the theoretical production of Michel Pêcheux. In a second moment, we present our analytical procedure and the way the production of the DA Sinalário has been given. We have talked about the proposition of three signs (ideology, position-subject and Michel Pêcheux) to demonstrate our movement of analysis and subsequent sign formulation. Based on our production, we expect deaf subjects to be out of a mnemonic reproduction process and to start a historical reproduction movement in which, as subjects, they symbolically relate to meanings produced on DA.*

## 1. Considerações Iniciais

Em “Os Fundamentos Teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux (1969)”, Paul Henry (1997) indica que Michel Pêcheux aspirava a abrir uma fissura teórica e científica no campo das Ciências Sociais e para isso teria publicado textos em seu nome e sob o pseudônimo de Thomas Herbert, alicerçando as bases de discussão para tal abertura.

Nesta tentativa, Pêcheux se apoiou naquilo que, para ele, outrora, havia corroborado com certa ruptura: o materialismo histórico, relido por Althusser; a psicanálise, reformulada por Lacan e o estruturalismo, numa vertente não reducionista em relação à linguagem (HENRY, 1997).

Suas reflexões culminam na elaboração de uma tese, a Análise Automática do Discurso (1968), a qual fora publicada em 1969, sendo tomada como marco inaugural de uma nova ciência, de uma nova forma de produzir conhecimento. Colocando questões fundamentais sobre os textos, a leitura e o sentido (MALDIDIER, 2003), o texto publicado por Pêcheux é fundamental para a compreensão do objetivo do desenvolvimento de uma Análise Automática do Discurso (AAD): fornecer às Ciências Sociais um instrumento científico, já que para esse estudioso, o campo referido encontrava-se num estágio pré-científico e o alcance da cientificidade dependia da criação/ apropriação de instrumentos (HENRY, 1997).

Pêcheux ratifica a ideia de que haja um momento na constituição de uma ciência em que essa crie seu próprio espaço de jogo, faça variar questões e ajuste seu discurso teórico a si mesma, desenvolvendo sua consistência e necessidade e, acrescenta ainda, o que seria um momento antecessor: o da transformação produtora do seu objeto, uma vez que uma ciência apenas se constitui enquanto tal na medida em que produz uma mutação conceitual num campo ideológico e coloca-se como a ciência da ideologia com a qual rompe (HENRY, 1997).

Nesse sentido, para que fosse possível promover uma ruptura no campo das Ciências Sociais, crucialmente ligadas às ideologias e às práticas políticas, Pêcheux elegeu o discurso e a análise de discurso como ‘peças’ fundamentais. Podemos dizer que suas razões, para tal, subsidiaram-se numa relação entre a prática política e as Ciências Sociais e numa ligação entre a prática política e o discurso, uma vez

recusada a visão de que a linguagem se traduz em informações (HENRY, 1997).

Para Pêcheux, o lugar da formalização na ADD-69 tem uma dupla perspectiva: epistemológica, visando definir procedimentos repetíveis e comparáveis que definissem heurísticas para a análise de discurso; e operacional, permitindo ter resultados empíricos para propor uma alternativa teórica e metodológica à análise de conteúdo (GADET *et al.*, 1997).

Gadet *et al.* (1997) nos lembram de que não se tratava apenas de formalizar o dispositivo da ADD, mas de informatizá-lo, de realizar um programa informatizado que permitisse preencher essa dupla exigência. A ideia formalizadora de Pêcheux se situava num quadro essencialmente algébrico, com empréstimos do domínio das gramáticas formais. Tratava-se de um “primeiro modelo de uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade” (MALDIDIER, 2003, p.21).

Pêcheux *et al.* (1997) afirmam que as referências teóricas que presidiram a construção do dispositivo da AAD inscrevem-se no espaço do estruturalismo filosófico dos anos 60, em torno da questão da ideologia. A AAD-69 previa um momento de construção sócio-histórica dos corpora submetidos à análise, um momento de deslinearização sintática das superfícies textuais do corpus e um momento de tratamento automático dos dados resultantes da análise sintática, o qual justifica a pretensão “automática” da AAD. A objetividade de um processo funcionando por si mesmo visava explicitamente a eliminar as “evidências subjetivas” da leitura, esperando trazer à tona traços dessa famosa “estrutura subjacente” do corpus textual estudado.

A AAD-69 era, segundo Maldidier (2003, p. 25), “uma máquina de abrir questões mais que de dar respostas”. “A utilização de procedimentos algorítmicos efetivos era, pois, uma condição essencial do empreendimento [...]” (PÊCHEUX *et al.*, 1997, p.256). Dessa forma, em uma primeira época, ocorrera a exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural – uma única máquina discursiva, uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma. No horizonte, a ideia de uma álgebra discursiva, que permitisse construir formalmente a estrutura geradora de um processo associado a um corpus fechado de

seqüências discursivas produzidas por sujeitos num espaço discursivo estabilizado, em condições de produção supostamente homogêneas.

Postos os questionamentos à ADD-69, dá-se início a uma segunda época da Análise de Discurso (AD) marcada pelos questionamentos ao dispositivo analítico da maquinaria-discursivo-estrutural, principalmente, no que se refere à construção dos corpora discursivos, que deixam de se relacionar entre si pelo efeito de justaposição, além de a noção de formação discursiva (FD), tomada de empréstimo de Michel Foucault, ter sido trazida para a teoria, funcionando juntamente com o conceito de formação ideológicas (FI).

Numa terceira época, empurra-se “até o limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural” e o “procedimento da AD por etapas, com ordem fixa, explode definitivamente” (PÊCHEUX, 1997b, p.315). Para Pêcheux (1997b), esta terceira fase da AD se permite a abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, numa forte relação com a heterogeneidade enunciativa, desconstruindo as maquinarias discursivas, incluindo o outro no processo de formulação dos sentidos, com o traço interdiscursivo se inscrevendo pela e na língua, pensando-se as relações (desiguais) de forças e de sentidos que se produzem.

Orlandi (2019) assevera que não concorda que Pêcheux tenha produzido um distanciamento, na década de 80, daquilo que havia produzido anteriormente. A autora nos diz que se trata de um aprofundamento, um processo histórico de produção de uma ciência, marcado por contradições, por idas e vindas que não estão isoladas. “O que Pêcheux tinha muito presente, e isso está dito em muitas passagens de seus escritos, é que a análise de discurso era um campo em construção” (ORLANDI, 2019, p.41).

E é pensando nessa construção e na necessidade de ajustamento de um discurso científico a si mesmo (HENRY, 1997) que, cinquenta anos depois das primeiras formulações de Pêcheux sobre a análise de discurso, nos colocamos em posição de pensar uma questão que se nos apresenta: se a análise de discurso é “uma provocação à leitura” (PÊCHEUX *et al.*, 1997, p.278), não se propondo somente a ser uma disciplina de interpretação, mas ela própria, como disciplina, está sujeita à interpretação, como permitir uma leitura menos ingênua, por sujeitos surdos, sobre a teoria, uma vez que a língua se constitui como

o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido e os sujeitos surdos (se) significam por uma língua outra que não a da comunidade ouvinte, que não a utilizada para a base de toda a produção científica.

Com base nessa inquietação, apresenta-se, a seguir, o processo de produção de um instrumento linguístico, que permite a abertura da possibilidade de leituras da/sobre a análise de discurso de base materialista, pela comunidade surda brasileira.

## **2. O Sinalário de Análise de Discurso materialista: de uma escuta analítica a um instrumento linguístico<sup>1</sup>**

Desde que me tornei professora de um curso de Letras-Libras, me deslocar da posição de professora de Linguística para alunos ouvintes para a posição de professora de Linguística para ouvintes e surdos tem me afetado diariamente.

Recentemente, propus algumas reflexões acerca do processo de institucionalização dos cursos de Letras-Libras no Brasil. Procurei pensar, especificamente, que lugar tem cabido a esses alunos, no espaço da Ciência, em meio a políticas afirmativas que instrumentalizam as relações próprias de uma divisão social do acesso à universidade (LOPES, 2018).

Muitas são as discussões, no Brasil, que envolvem a temática da educação para as pessoas com deficiência, num movimento de (in)visibilidades possíveis em estratos históricos particulares (HASHIGUTI, 2016) – memória e produção de sentidos que vão dizendo sobre esses espaços regulares de escolarização e sobre que sujeitos os constituem.

Se quando pensamos a inclusão escolar, muitos são os problemas que se nos apresentam, quando essas diferenças perpassam algo como a língua falada pelos alunos, os enfrentamentos são ainda maiores.

Nesse sentido, uma outra questão tem me inquietado: como pensar o sujeito surdo na relação com o processo de leitura de uma língua outra, de uma língua oral, que por lei acaba sendo colocada como obrigatória para a modalidade escrita da relação cotidiana dos sujeitos surdos no Brasil? Como os surdos leem os textos-base para as disciplinas de um curso como o Letras-Libras, para disciplinas como as de Linguística, como a de Análise de Discurso?

Embora no Brasil tenha-se tentado pensar sobre a questão da leitura por sujeitos surdos, ainda não tenhamos disponíveis estudos como os já realizados nos EUA acerca dessa temática (AZBEL, 2004). Assumindo outro lugar teórico que aqueles que frequentemente discutem essa questão no Brasil, tenho tentado promover uma escuta analítica de minha experiência empírica, constituída por falas como a de um aluno surdo, prestes a terminar um curso de formação de professores, que, ao ser questionado sobre o que é leitura, diz: “Ler? Para mim, é muito difícil. Quando eu leio, não entendo muitas informações, eu só consigo compreender frases simples pelo celular, mas em português, na universidade, não entendo”.

Como não se engajar em buscar compreender mais sobre esse processo? Como, então, em minha posição de professora de Linguística, de analista de discurso, não me angustiar ao pensar de que ordem é a relação desses alunos com os textos selecionados para a disciplina, como é a aula, como se dá a questão da interpretação, em língua de sinais, pelos intérpretes, das discussões promovidas em sala-de-aula.

Remontando mais especificamente à disciplina de Análise de Discurso nos cursos de Letras-Libras, devemos considerar que nacionalmente, nestes cursos, trata-se da AD pelo olhar de Fairclough, já que quando pensamos as *condições de produção* que corroboram a criação desses cursos, observamos que o currículo proposto pela Universidade Federal de Santa Catarina, primeira universidade a ter um curso de Letras-Libras, conforme nos informam Quadros e Stumpf (2009), é tomado como um *dizer sobre* o que “deve” ser um curso de Letras-Libras, o qual traz no bojo de sua constituição uma *memória* (PÊCHEUX, 2007) que remete àquilo que é estudado na Gallaudet University – universidade cujos programas são voltados para pessoas surdas e que assume nas disciplinas que envolvem o discurso a perspectiva da Análise Crítica do Discurso.

Esse domínio da perspectiva crítica significa, pois os sinais pensados em Libras para a área de Análise de Discurso voltam-se para aquilo que fora proposto por essa teoria. Outro acontecimento que produz efeitos é o de que a AD não é uma disciplina que angarie muitos seguidores nos cursos de Letras-Libras, fato que, em certa medida, explica a existência de pouquíssimos textos publicados tratando dessa relação.

Em nossa experiência, a disciplina de Análise de Discurso teve como base teórica Pêcheux, Orlandi e o conjunto de autores que se inscreve nessa mesma esteira. Como esperado, imaginávamos que os alunos surdos teriam dificuldades quanto à leitura dos textos selecionados, já que estes se apresentam em língua portuguesa. Entretanto, uma outra questão se colocou: os sinais que seriam usados para significar cada um dos conceitos que estávamos discutindo.

De início, já há um incômodo com relação ao sinal para “Análise de Discurso”. Vejamos:

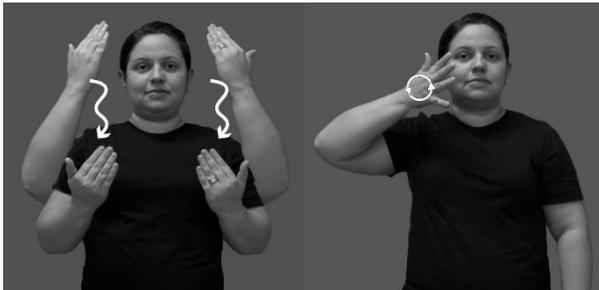


Figura 1- Sinal de Análise de Discurso em Libras.

Quando observamos o sinal convencional para AD, especificamente, naquilo que se refere a *discurso*, vemos funcionar um sinal que se apresenta numa cadeia de significação que nos permite tomá-lo para dizer “palestra”, “conferência”, um sinal amplamente marcado pela base do oral, da língua que não é a do surdo. Não há como não pensar na equivocidade de sinalizarmos *discurso* perto do ouvido; equivocidade, tal qual discutida por Pêcheux (2002), que é constitutiva da linguagem, “nos colocando a importância de perguntarmos pelos sentidos em suas condições de produção, de colocarmos as interpretações em suspenso” (LAGAZZI, 2011, p.504).



Figura 2 – Sinal de Discurso (1) em Libras

Nesse meandro, algo a ser analisado é o fato de que há uma outra possibilidade de sinalizar *discurso* que traria em si a marca da Libras na relação com a produção discursiva, mas que tem sido colocada em

desuso pela própria comunidade surda, num movimento, em uma primeira análise, motivado pelo contato com a língua oral, remontando à acepção mais reproduzida pelo discurso lexicográfico, em sua evidência, que toma o *discurso* como uma “mensagem oral, geralmente solene e prolongada, que um orador profere perante uma assistência” (HOUAISS, 2019).

Nas primeiras aulas da disciplina, notamos que o processo entremeado pela leitura dos textos em língua portuguesa e pela tradução das aulas para Libras não permitia que o sujeito-surdo ocupasse uma *posição-sujeito* que o colocasse a possibilidade de um gesto de interpretação acerca da teoria.

Pensando na formulação de Orlandi (1998) de que

[...] há uma injunção à interpretação. Diante de um objeto simbólico o homem tem necessidade de interpretar. Ele não pode não interpretar. Esta é uma injunção. E o homem interpreta por filiação, ou seja, filiando-se a este ou aquele sentido, inscrevendo-se nesta ou naquela formação discursiva, em um processo que é um processo de identificação: ao fazer sentido, o sujeito se reconhece em seu gesto de interpretação (ORLANDI, 1998, p. 19),

um processo que permite a abertura da possibilidade de leituras da/sobre a análise de discurso materialista, à comunidade surda, passou a ser gestado.

Fazendo das aulas nosso próprio material de análise, uma compreensão nos fora possível: muitas das palavras utilizadas nos textos para abordar conceitos próprios da AD eram tomadas na evidência dos sentidos e de modo análogo, traduzidas para a Libras: sinais como o de sentido na relação com sentir; o de pessoa utilizado numa relação de sinonímia com o de posição-sujeito; o de ideologia numa relação de algo que está escondido, que está por trás de algo; o de textos na linearidade do escrito sobre o papel; dentre outros.



Figura 3 - Sinal de Discurso (2) em Libras.

A partir dessa compreensão, percebemos a necessidade de produzirmos um sinalário de Análise de Discurso, trazendo à tona o papel dos instrumentos linguísticos para a constituição de um dizer sobre a língua, em nosso caso, um dizer sobre a Libras e, em sua extensão, um dizer sobre a AD.

Da perspectiva da História das Ideias Linguísticas, consoante Nunes (2008), gramáticas e dicionários são vistos como instrumentos linguísticos e têm sido estudados também como objetos discursivos, conforme os trabalhos de A. Collinot e F. Mazière (1997). Ao que o autor acrescenta que se possa dizer o mesmo a respeito de outros instrumentos linguísticos; formulação que tomo para compreender o sinalário, que para Stumpf (2005), trata-se de um conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais, nessa mesma esteira.

Observar esses instrumentos como parte da relação com a sociedade e a história transforma os “em objetos vivos, partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana” (ORLANDI, 2001, p.08).

Tomar as diversas formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise permite efetuar leituras que as remetam às suas *condições de produção*, considerando-se a materialidade linguística na qual são produzidas, bem como os modos pelos quais se produzem conhecimentos em determinadas conjunturas históricas, observando-se e descrevendo os funcionamentos discursivos (NUNES, 2008).

É fundamental ressaltar que o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas (AUROUX, 1992). Tais instrumentos são importantes elementos para nossa reflexão quando pensamos a gramatização de uma língua, pois observar a constituição destes é tratar do modo como uma sociedade constrói elementos de sua identidade, uma vez que a produção de tecnologias é parte do modo como qualquer sociedade se constitui historicamente (GUIMARÃES; ORLANDI, 1996).

Nesse ponto, sobre os sinalários, numa extensão daquilo que fora dito por Nunes (2006) sobre os dicionários, tomo-os como um objeto de consulta, uma obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber. “Trata-se de um dos lugares

que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos” (NUNES, 2006, p.11).

Concordamos com Nunes (2006), na medida em que o autor afirma que os estudos discursivos e de história das ideias linguísticas trazem condições metodológicas para se ler com outros olhos os dicionários e as gramáticas (e em nosso caso, o sinalário), como lugares eficazes de descrição das línguas, importantíssimos para a sua reprodução, transformação e circulação na sociedade.

Para pensarmos, então, no processo de formulação deste instrumento linguístico, alguns sujeitos se colocaram na base de sua produção: alunos surdos e ouvintes, mestrands e doutorands em Análise de Discurso, assim como professores das áreas de Tradução, Libras, Linguística e Análise de Discurso, surdos e ouvintes.

Como metodologia, procedemos a um levantamento coletivo de todos os conceitos ou termos que se colocavam como relevantes para a teoria, discutimos um a um, para que depois começássemos a pensar em possíveis sinais, um *brainstorming* de sinais fora feito e, *a posteriori*, um processo analítico sobre cada um deles. Este processo de formulação do sinalário já dura cerca de um ano e, atualmente, estamos em fase de gravação e edição do material para que ele possa ser publicado, ainda em 2020, em sua primeira versão sistematizada.

Para explicitar um pouco do gesto analítico que tem sido feito para pensarmos os sinais, selecionamos dois para apresentá-los: o de ideologia e o de posição-sujeito.

O sinal de *ideologia* já convencionalizado na comunidade surda traz em si a questão da ocultação, de que algo se esconde, opondo-se à ideia de ideologia enquanto o próprio funcionamento simbólico, em que as direções de sentido ganham corpo, ideologia não tomada como conteúdo, mas como processo. Como diria Orlandi (1994, p. 56), “a ideologia não é ‘x’, mas o processo de produzir ‘x’”.

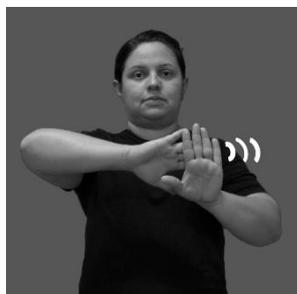


Figura 4 - Sinal de Ideologia em Libras.

Então, se o simbólico se dá pelo atravessamento da ideologia, se a ideologia é algo que interpela o indivíduo enquanto sujeito (ALTHUSSER, 1976), se é processo, se é

constitutiva dos próprios processo de significação, da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação (ORLANDI, 1994), passamos a significá-la a partir do seguinte sinal:



Figura 5 - Sinal para Ideologia em Libras proposto para o Sinalário de AD.

A discussão sobre o sinal para *posição-sujeito* oferece um lugar de análise interessante. Nas primeiras vezes em que, como professora da disciplina de AD para alunos surdos, utilizei o termo em sala-de-aula, notei que os intérpretes usaram os sinais abaixo, que remetem a *pessoa*.

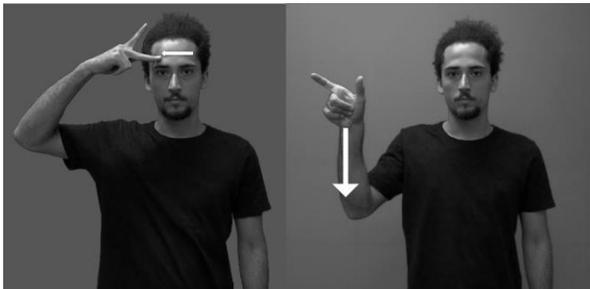


Figura 6 - Sinais para Pessoa em Libras.

Havia aí um efeito de sentido que colava a pessoa, o indivíduo, o sujeito biológico à noção de *posição*. Deixava-se de fora o simbólico, o histórico e a ideologia, que tornam possível a interpelação do indivíduo em sujeito. Para Orlandi (2005), *posição* é aquilo que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz, não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz. Pêcheux (1995), chama de *posição-sujeito* a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). Isto

posto, passamos a formular o sinal para *posição-sujeito* da seguinte maneira:



*Figura 7 - Sinal para Posição-sujeito em Libras proposto para o Sinalário de AD.*

Muitos poderiam ser os sinais a serem discutidos aqui. Mas, para finalizar a apresentação daquele que tem sido nosso investimento teórico-analítico que dá vazão à produção do sinalário de AD, gostaríamos de falar de um outro processo fundamental para a constituição do sinalário: o “batismo” dos autores pela comunidade surda, como parte da Cultura Surda. Pelo viés da AD, eu o tomo como um acontecimento discursivo, um processo de nomeação, perpassado pelo simbólico, afetado ideologicamente. Como disse Costa (2012),

o gesto de nomear para nós é um dos modos de formular, de se interpor na relação indireta, opaca, da representação linguagem/pensamento/mundo pelo homem. É interpretar. É, por isso, também, dar corpo aos sentidos. É, ainda, levando em conta o que explica Orlandi [...], o gesto de nomear situa-se na fronteira entre o dito, o silenciado e o dizível (COSTA, 2012, p.134).

E, em se tratando de AD, e, de pensar os pontos de constituição de uma memória sobre a teoria, na qual o “trabalho de Pêcheux retoma seu sentido e lugar”, como diria Courtine (2005), não poderíamos finalizar este texto sem apresentar o sinal dado a Michel Pêcheux, como vemos abaixo:



Figura 8 - Sinal de Michel Pêcheux em Libras.

### 3. Um fecho aberto

Finalizamos nosso texto, retomando Pêcheux (2016, p.26), ao afirmar “a escuta analítica transforma alguma coisa pelo viés da ‘intervenção’”. Temos tentando, em nossos investimentos teórico-analíticos, compreender como os sujeitos surdos e suas práticas acadêmicas têm sido significadas em nossa sociedade. Mais especificamente, neste trabalho, para permitir uma leitura produtiva dos textos de Análise de Discurso por sujeitos surdos, buscamos formular um instrumento linguístico que se coloca-se como um discurso sobre a AD, uma memória sobre a AD para os surdos: um sinalário de AD.

Com isso, esperamos que os sujeitos surdos saiam dos processos de reprodução mnemônica e passem a uma reprodução histórica, em que, como sujeitos, se relacionem simbolicamente com os sentidos.

### Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. (1976). *Idéologie et appareils idéologiques d’État*. In: *Positions*. Paris: Éditions Sociales.
- AUROUX, S. (1992). *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- AZBEL, L. (2004). *How do the deaf read? The paradox of performing a phonemic task without sound*. IntelScience Talent Search. Disponível em: <http://psych.nyu.edu/pelli/docs/azbel2004intel.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- COSTA, G. C. da. (2012). “Denominação: um percurso de sentidos entre espaços e sujeitos”. In: *RUA* [online]. Campinas, n.18, vol.1.
- COURTINE, J. J. (2005). “A estranha memória da Análise do Discurso”. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs). *Michel*

*Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar.* São Carlos: Claraluz.

GADET, F. *et al.* (1997). "Apresentação da Conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em Informática Aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp.

GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). (1996). *Língua e Cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes.

HASHIGUTI, S. T. (2016). "Corpos e formas (in)visíveis: entre a regularização e a ruptura de sentidos". In: COSTA, G. C.; CHIARETTI, P. (Orgs.). *Arte e Diversidade*. Trilogia Travessia da Diversidade. Campinas: Pontes, v. 3, p. 83-96.

HENRY, P. (1997). "Os Fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969)". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp.

HOUAISS, A. (2019). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>. Acesso em 11 de setembro de 2019.

LAGAZZI, S. (2011). "A equivocidade na circulação do conhecimento científico". In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 497-514, set./dez.

LOPES, M. (2018). "A institucionalização do curso de licenciatura em Letras-Libras no Brasil: língua, sujeitos e sentidos". In: *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, CNPq – Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, n.42, jul.dez., p.57-71.

MALDIDIER, D. (2003). *(Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas, Pontes.

NUNES, J. H. (2006). *Dicionários no Brasil: Análise e História*. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: FAPESP – São José do Rio Preto, SP: FAPERP.

NUNES, J.H. (2008). "Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas". In: *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez.

ORLANDI, E. P. (1994). "Discurso, Imaginário Social e Conhecimento". In: *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.

- ORLANDI, E. P. (2005). *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (2019). “Entrevista com Eni Orlandi”. In: OLIVEIRA, G. A. de; NOGUEIRA, L. (Orgs.). *Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E. P. (Org.). (1998). *A Leitura e os Leitores*. Campinas, SP: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (Org.). (2001). *História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: UNEMAT Editora.
- PÊCHEUX, M. (1995). *Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- PÊCHEUX, M. (1997a). "Análise Automática do Discurso (AAD-69)". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (1997b). “A Análise de Discurso: três épocas (1983)”. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (2002). *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2007). “Papel da memória”. In: ACHARD, P. *et al. Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. (2016). “Abertura do Colóquio”. In: CONEIN, B. *et al. Materialidades Discursivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. *et al.* (1997). "Apresentação da Análise Automática do Discurso (1982)". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp.
- QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. (Orgs.). (2009). *Estudos Surdos IV: série pesquisas*. Petrópolis, RJ: Arara Azul.
- STUMPF, M. (2005). *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

Disponível em: [http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919079-ARQ/919079\\_5.PDF](http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919079-ARQ/919079_5.PDF).

**Palavras-chave:** Análise de Discurso, Sinalário, Michel Pêcheux.

**Keywords:** Discourse Analysis, Sinalário, Michel Pêcheux.

## Notas

---

\* Mestre e Doutora em Linguística pela Unicamp. Estágio Pós-Doutoral em Educação de Surdos desenvolvido na Flagler College (Florida/USA). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal do Piauí e atua junto ao Curso de Licenciatura em Letras-Libras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras.

<sup>1</sup> Agradeço aos colegas da Universidade Federal do Piauí: Pedro Júlio Santos de Oliveira, Mestre em Comunicação Social pela UFPI, Técnico em Multimídia, pela edição das imagens; Adila Silva Araújo Marques, Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC, Professora do Curso de Letras-Libras, e Heron Ferreira da Silva, Graduado em Letras-Libras, Intérprete de Língua de Sinais/Português, pela cessão das imagens relativas aos sinais em Libras.